

## EDITORIAL

No séc. V a.C., em Atenas, Tucídides hesita em dar crédito aos poetas; entre outras, porque o que dizem não se pode comprovar, e com o passar do tempo prevalece nele aspecto mítico [*epì tò mythôdes*] (THC. I 21,3). Por outro lado, porque visa a ser claro e útil, Tucídides adverte o público de que o que ele mesmo diz tem, justamente, aspecto não mítico [*tò mè mythôdes*] (THC. I 22,4). Em outras palavras, poetas narram casos que jazem num passado remoto (THC. I 1,2; 20,1; 21,1; 23,1), de que não restam testemunhas nem vestígios que os comprovem, mas cresce a fama que os engrandece (THC. I 11,3). Por outro lado, Tucídides propõe-se narrar caso contemporâneo, e não casos antigos (THC. I 1,2; 20,1; 23,1), justamente porque aquele se oferece à vista dos homens, de modo que os testemunhem diretamente, e estes se transmitem aos ouvidos, de modo que os recebam uns dos outros sem comprovação (THC. I 20,1; cf. I 4). A propósito, a Tucídides poderiam emprestar-se as palavras que, segundo ele mesmo, os atenienses teriam dirigido aos lacedemônios: “E por que falar de casos de todo antigos, de que mais a audição das palavras é testemunha, do que a vista dos que vão ouvir?” (THC. I 73,2). Em suma, poetas narram caso antigo, de que ouviram outros falar; por outro lado, Tucídides propõe-se narrar caso contemporâneo, que tenha visto por si – se não que tenha ouvido de outro que, ao menos, tenha visto por si –.

De fato, já no séc. VIII a.C., nas cidades jônias da Ásia Menor, o Poeta canta: “Dizei-me agora, Musas, que tendes domicílios olímpios / – pois vós sois deusas e presenciais e vedes tudo, / nós, porém, a glória tão-só ouvimos, nada vemos –” (HOM. *Il.* II 484-6). Assim, Homero recorre às Musas, porque a elas, deusas, cabe “ver” as coisas que para elas são presentes, e a ele, mortal, “ouvir” a glória e fama das coisas que para ele são pretéritas, de maneira que o canto do cantor depende da memória das Musas. Porém, no mesmo século de Tucídides, um caso contemporâneo foi tratado por poetas: a guerra de helenos e persas, que tanto Quérilo de Samo cantou numa epopéia, quanto Ésquilo encenou numa tragédia. Logo, em que pese ao parecer de Tucídides, que distingue entre o antigo, que se ouve, e o contemporâneo, que se vê, é para perguntar se não haveria outro meio para distinguir entre a narração fabulosa dos poetas e a narração não fabulosa dele mesmo, ou ainda, entre o “mito” e a “história”? Na verdade, haverá confins bem definidos que demarquem cabalmente os lugares de um e de outra? Interessado em tais questões, o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV/FFLCH/USP, primeiro, organizou e realizou em 2003 o colóquio “Mito e história no teatro greco-latino”. Agora, a partir da seleção de artigos produzidos por participantes do

colóquio e por outros autores e também da seleção de traduções, notícias de pesquisa e resenhas, edita o presente número do periódico *Letras Clássicas*.

Na “Seção de artigos”, examinam-se, entre outras, as seguintes questões. Como os mais antigos helenos receberam os mitos da Ásia Ocidental? Assimilando-os indiferentemente? Ou reformando-os de acordo com seus conceitos sociais e políticos (K. A. Raaflaub)? Como, nos *Persas*, Ésquilo se vale, seja de noções míticas (JAA Torrano), seja de imitação poética (F. R. de Oliveira), para retratar caso recente da política ateniense? Como, nas *Coéforas*, a rememoração dos crimes passados serve para a Cidade deliberar sobre casos jurídicos do presente (V. Gastaldi)? Como os tragediógrafos gregos fazem memória dos antigos heróis em meio à atuação dos aristocratas e tiranos coevos (F. Marshal)? Como, no *Édipo tirano*, se confrontam os novos saberes e a sapiência antiga; ou ainda, a arte dedutiva, com que o tirano decifra o enigma de algo presente a todos, e a arte divinatória, com que o vidente revela o segredo de um passado desconhecido para o próprio Édipo (L. R. Ferreira; K. H. Rosenfield)? Como, em geral, interpretar uma tragédia grega, de modo que ela nem se encerre em si mesma, nem dependa exclusivamente do contexto político? Ou ainda, como, nas *Troianas* de Eurípides, o discurso de Cassandra oscila entre o elogio fúnebre dos troianos e o epitáfio de sua morte iminente, isto é, entre o pretérito e o futuro, de modo a aproximar ambos de sua condição presente (C. Werner)? Em que medida aplicamos a Tucídides conceitos da ciência moderna, quando o vinculamos estritamente à história, opomos cabalmente ao mito? Na verdade, não seria possível entrever em Tucídides a conciliação do modo etiológico da tragédia (= mito) com o modo analítico da história (F. M. Pires)? Como o culto de um deus intervém na ordem sociopolítica da cidade? Por que, nas *Bacas* de Eurípides, Penteu quer evitar o culto de Dioniso em Tebas? Por que o senátus-consulta de 186 a.C. decidiu restringir as bacanais em Roma (M. L. Corassin)? Como nasceu e se desenvolveu na Roma antiga a pretexta, isto é, a tragédia latina de argumento histórico, e como renasce e se difunde na Europa dos séc. XVI e XVII (Z. de A. Cardoso)? Na “Seção de traduções”, oferece-se no vernáculo tradução de duas tragédias de argumento “histórico”: tradução integral da tragédia grega *Persas* de Ésquilo (JAA Torrano) e tradução parcial da tragédia latina *Otávia* do Pseudo-Sêneca (Zelia L. V. de Almeida Cardoso). Na “Seção de notícias”, arrolam-se as pesquisas do PPG Letras Clássicas do DLCV/FFLCH/USP concluídas em 2001, isto é, teses defendidas e dissertações apresentadas, e as pesquisas em andamento em 2002, e resume-se a disciplina de pós-graduação “De la pierre au son. Archéo-éthnomusicologie de l’Antiquité classique”, ministrada pela Professora Convidada Annie Bélis (CNRS e École Pratique des Hautes Études),

no MAE/USP, em agosto de 2001. Na “Seção de resenhas”, comentam-se livros e traduções da área dos estudos clássicos.

Os textos foram elaborados por pesquisadores do PPG Letras Clássicas do DLCV/FFLCH/USP e também por pesquisadores de outros programas, brasileiros e estrangeiros, que honram o Programa com sua colaboração. Registramos, pois, com os nossos agradecimentos, os nomes desses pesquisadores, bem como os das instituições a que pertencem. Assim, agradecemos a colaboração aos Professores Doutores: Flávio Ribeiro de Oliveira, do IEL da Universidade Estadual de Campinas; Francisco Marshall, do IFCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Francisco Murari Pires, do DH/FFLCH da Universidade de São Paulo; Kathrin Holzermayr Rosenfield, do IFCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Kurt A. Raaflaub, da Brown University (Estados Unidos da América); Lúcia Rocha Ferreira, do ICHL da Universidade Federal do Amazonas; Maria Luiza Corassin, do DH/FFLCH da Universidade de São Paulo; Matheus Trevizam, da FALE da Universidade Federal de Minas Gerais; Viviana Gastaldi, da Universidad Nacional del Sur (Argentina).

Editor-Responsável  
MARCOS MARTINHO DOS SANTOS  
FFLCH/USP